

A TERRA DA GOIABADA

Revista dos acontecimentos da Cidade de Campos

Original do Dr. Azevedo Cruz e Alvares de Azevedo

I.º ACTO

Chegou, chegou, chegou,
Si é exacto o que se diz,
O Snr. Jovino Ayres
Secretario d' O Paiz.

Côro (repetição)

Chegou, chegou, chegou,
Para Campos visitar,
Mas em vez de vir por terra
Veio o Jovino por mar!

Côro (repetição)

Põe-se em festas a cidade
E o município também,
Si for assim procurado
Não dará para ninguém.

Côro (repetição)

Vai andar por toda a parte,
Todo o Campos percorrer,
Mas, também, voltando ao Rio
Que não ha de elle dizer.

Côro (repetição)

Goiabada

Sou filha de S. Gonçalo,
O Malvino é meu avô!
Das industrias d' esta terra
A melhor industria sou!

Sou feita em diversas formas,
A' vontade do freguez:
Não ha ninguém que me coma
Que não deseje outra vez.

E' de vir agua na bocca,
Não ha quem resista a mim,
Quando sou feita em geléa
Aquella que treme assim !...

E' mesmo um Deus nos accuda,
Motivo até de questão,
Si apparece no mercado
Goiabada de caseão!

Então em doce de calda
(Pois goiaba sempre é)
Faz arregalar os olhos
Faz lamber o beijo até.

Fique, embora, a lata aberta,
Fique mesmo, exposta ao ar,
Si tenho o ponto apertado
Sou boa de conservar!

(Repete a 1ª e 2ª quadra)

Valsa do Thomésinho

Vamos ver a cidade,
Meu presado confrade;
Campos, a flor,
Beija sem par,
Tão seductor,
Magico olhar!
Logo a primeira vista
Prende a moça campista!

Rosa d' Abril

Filha gentil

Deste amado Brasil!
Feiticeira cidade adorada
Faz venturosa a população
Pois esta terra da Goiabada
E' um novo seio de A'brahão

Ah!

Vamos ver a cidade, etc.

Coro das sete pragas

Eis as pragas do Egypto,
Sete aqui somos nós,
Com o fado maldicto
Do Ashaverus atroz.



(Côro geral)

Ai que horror !
Que terror !
E cada qual
Faz o seu mal !

Sete amaldiçoadas,
Sete filhas do azar,
Tétricas, de mãos dadas,
Para os exterminar !

(Coro geral)

Ai que horror !
Que terror !

A Enchente

(SOLO)

Eu sou a Enchente pavorosa
Que alaga as ruas e o vallão.
E por tal forma perigosa
Que esta é a segunda inundação !
E já por toda esta cidad
Anda a maior calamidade,
Nas partes baixas onde chego
Vou logo, logo enchendo o rego.
E chega a causar dó
Pois nunca um mal vem só.
Prejudicou tudo afinal
A inundação phenomenal !
O pobre lavrador,
Transido de terror,
Vê as fazendas inundar
Sem esperanças de as salvar.

CORÓ DAS SETE PRAGAS

Para inundar,
Vou como um novo mar
As aguas despejar
E a cheia vem ao fim !
O Parahyba
Enche de riba á riba,
Todos de pindahyba
Vão pescar assim.

A Enchente

(SOLO)

Neste torrão da Goiabada
Fui tão feliz, tão bem me dei
Andando aqui da vez passada
Que hoje saudosa aqui voltei.
Prejudiquei as companhias,
Paralysando as ferro-vias,

E dou-me agora por feliz
Por essas victimas que fiz !

E chegi a causar dó
Pois nunca um mal vem só etc.

CORÓ

Para inundar etc.

Variola

Sou Variola, a Bexiga chamada,
A Bexiga, a Bexiga é que eu sou,
De signaes tenho a cara marcada,
E estas marcas espalho onde vou !

Quando apanho uma pelle bem clara
Que inefavel, que infindo prazer !
Dou nos seios, nas pernas, na cara
E em que partes não vou me metter.

Luz electrica

Illumino a cidade de Campos
De tal modo e com tal profusão.
Que este povo aqui vive nas trevas,
Mergulhado na escuridão !

Eu cá sou como a vaga alterosa
Que na praia ora vai, ora vem !
Quando a noite é de lua eu me apago
E nas noites escuras...tambem !

(Repete a 1ª quadra)

Gaz

A' mim quem me vir acceso
Tem um doce ! Sou o Gaz,
Sou irmão da luz electrica
E filho dos mesmos paes.

Depois que esta irmã querida
A cidade illuminou,
Tinha graça andar acceso
Quem sempre em trevas andou !

Reclamam a companhia
Que anda o Gaz sempre apagado:
Torce o bico, accende o bico,
E eu...moita, bico cando !

Bond

Toque, toque, toque
Tró, lô, rô, lô, rô,
Para, para, para,
No desvio só.

Que barrinho magro,
Qu- desolação!
Toque, toque, toque,
Vamos a Estação.

Para o Bond a porta
Fica-se a esperar.
Que a família em frente
Vae-se preparar!

O cocheiro dorme...
Da-me o troco olé,
Páre, páre, páre
Vou seguir á pé...

Tóque, toque, toque
Tró, lô, rô, lô rô
Páre, páre, páre,
No desvio só.

(Repete o 1º.)

A Telephonica

Allow! Quem toca?
Quero fallar.....
Esta empregada
Não quer ligar!

Tenha a bondade
Ligue p'ra cá
Pois do contrario
Vbu mesmo eu lá!

Já perdi a esperança!
Já perdi-a afinal!
Fallam na vizinhança
Apparelho infernal!

(Repete ol^{ae}2ª)

O Cholera

Nasci nas Indias, para alem do Ganges
E mil alfanges não são mais do que eu
Como um proscripto que atravessa o
(mundo
Triste, iracundo, singular Judeu.....

Sou o cholera, pavoroso espectro
Que aqui penetro para devastar!
Roubei mil vidas em um só minuto
Cobri de luto todo este logar!

Pretos e brancos, indistinctamente,
Fiz de repente desaparecer

Das pragas todas sou a mais terrivel,
Mal impossivel de se combater.

Seguem-me os passos dobres funera-
(rios
E nomes varios todos dão-me á mim.
Vomito negro, mal do Ganges, peste,
De norte a leste vou mudando assim.

Sou mais temivel do que os taes Dou-
(tores
Fornecedores que o Cajú mantém!
Si aquelles matam por um prego baixo
Eu cá despacho sem levar vintem.

Em pouco tempo só com taes proezas
Duas emprezas fiz enriquecer:
Que o diga o Carlos e o Lisboa o diga
Si a Peste amiga não lhes dá prazer!

Monitor Campista

Ha meio seculo ando na imprensa,
Encaneci na profissão,
E esta que vês, barbaça immensa,
Nasceu-me aqui neste torrão. (bis

Fiz a primeira
Publicidade
Nesta cidade
Que vês aqui,
Dos meus collegas
Naquelle dia
Nenhum havia
Quando eu nasci!

A cincoenta annos
Vivo na brécha
E o fogo a mécha
Nunca faltou!
E de tal forma
Tenho me havido
Que aqui sou tido
Pelo Vovô

Tenho cantado
Em verso e prosa
Esta briosa
População;
Posso gabar-me
De uma escolhida
E garantida
Circulação

Fiz a primeira etc.

Repete



Gazeta do Povo

Sou a afamada «Gazeta do Povo»
A defensora da causa legal
Propagandista de tudo o que é novo
Aqui na imprensa local.

Republicana dos quatro costados
Leve, catita, formosa e feliz,
Tenho leitores por todos os lados
E venda igual ao «Paiz»

(Coro geral)

Certamente

O Vovô

Não embarca na mesma canôa

Em que vou,

Certamente

O Vovô

Não irá na canôa em que vou.

Os Fazendeiros

A lavoura já sem braços
Lá se foi a sepultar
Pelos muitos embarços
Que não ponde superar.

I

Desta vez foi a lavoura
A' garra, por nosso mal,
Sem recursos, nem appello
Por falta de capital.

(Coro geral)

Ai de mim, ai de você

Ai de meu bem, ai de nós dois

Ai de mim primeiramente

Ai de você ao depois.

O Pranto

Na cama que é logar quente
Vamos pois todos chorar
Pois d'esta crise da enchente
Ninguém se póde salvar

Triste vida a que levamos
Depois das innundações,
Tudo está paralisado
Não se fazem transacções

(Coro geral)

Ai de mim ai de você etc.

1.º Fazendeiro

Ai!

1.º Fazendeiro

Ai,

2.º Fazendeiro

Ai, afinal

Ambos

Que quebradeira geral

Ha de vir

Não ha dinheiro nos bancos

Que chegue

Para a defunta lavoura

Accendir

Peridos do mesmo mal

A todos toca esta crise

Infernal

Si for assim ai que magua

Daremos co'os burros n'agua

Afinal!

Coro geral

Ai de nós

Ai de nós

Que esta quebradeira

Faz um mal atroz.

Extravagancia

1.º Fazendeiro

Não sei si vá ou si fique

Não sei, se fique ou se vá

Indo lá não fico aqui

Ficando aqui não vou lá.

2.º Fazendeiro

Tendes o beijo encarnado

Côr da baga da romã

Pretendo te dar um beijo

No domingo de manhã.

1.º fazendeiro

Meu amigo e camarada

Faz favor de me dizer

Sahindo eu d'aqui agora

Onde vou amanhecêr.

2.º Fazendeiro

Meu amor fez um lacinho

P'ra pegar não sei a quem

Fui andando, disfarçando

Desmanchei fiz muito bem.

Mana Chica

1.º Fazendeiro

Ai mana chica,

Mana chica do sertão,

Eu passei n'um pé de rosa

Carregado de botão.

2.º Fazendeiro

Ai mana chica !
 Meu galhinho de alecrim !
 Trago-te no pensamento
 Só tu não pensas em mim !

2.º Fazendeiro

Ai mana chica !
 Você vai eu também vou
 Você vai ver seu bemzinho
 Da lembrança a meu amor...

1.º Fazendeiro

Ai mana chica !
 Mana chica do caboió?
 Quem nunca comeu pimenta
 Não sabe que cousa é moio.

2.º ACTO

Sindicato

Mim star a Companhia
 De canalisação
 Que liapa noite e dia
 Esta população !

Taes aguas mim fornece
 Ao povo pra beber
 Que o mais que lhe acontece
 E' vir a fallecer

Prepetente
 Indifferente
 A's reclamações geraes
 Vou vivendo
 Me mantendo

Sem tropeços nem rivaes

As canas tenho aberta
 Buracas meus também.
 Si ha cheia, é cousa certa,
 o sujo a rua ver

Meus canas são cheirosas
 Si é certo o que se diz,
 Mas levem cuidadosas
 Os leucos ao nariz

Prepotente
 Indifferente etc.

Os arrabaldes

Côro

Cá stamos os arredores
 E dos melhores
 Que Campos tem !
 E os da aristocracia
 Da fidalguia
 Cá estão também !

Serão aqui celebradas
 Ennumeradas
 E desde já
 As cousas mais importantes
 Predominantes.
 Que nelles ha.

Todos captivos
 Dos attractivos
 Ides ficar,
 Prêndemos os dilettantes
 E os visitantes
 D'este logar !

Os bairros somos da moda
 Que a melhor roda
 Sempre habitou,
 E ruas mais alinhadas
 E ventiladas
 Ninguém pisou.

Collegio das Almadas

Eu nesta Lapa me encerro,
 Vivo tranquill e feliz,
 Mas um dia a estrada de ferro
 Poz-me a mostarda ao nariz.

(Repete)

Com argumentos profundos
 (Tenho em cartorio os papeis)
 Avaliei os terrenos
 Em vinte contos de réis !

Coro

Com argumentos profundos
 Tendo em cartorio os papeis
 Avaliou os terrenos
 Em vinte contos de réis.

COLLEGIO

Eis a demanda travada
 Entre o collegio e o Barão,
 Caso não seja indemnizada
 Péreo afinal a questão.

(Repete)

Com argumentos profundos
 Coro
 Com argumentos profundos etc.



Escola Normal e Lyceu**Escola**

Eu tenho um fim complexo
A lucida mis-ã,
De dar ao bello sexo
Completa educação

Lyceu

Para preparaterios
Fundou-se este Lyceu !
Que fins satisfatorios!
Que resultado o meu !

Ambos:

De ensino secundario
Modelos aqui'stão...
Seguimos curso vario
Em busca da Instrucção !

Estabelecimentos
Como estes que aqui tem,
São glorias e ornamentos
Da terra que esmantem !

Chacara do Vigario

O retiro legendario
Do vigario eu é que sou !
O Vigario é afinal
Foi-se embora me deixou

Que bichos exquisitos
Não havia aqui,
Lagartos e mosquitos
Como eu nunca vi !

Ai ! que chacara propicia
A's palestras do verão
Que prazer ! que delicia !
Nesta minha solidão,

Que bichos exquesitos etc.

O Palhaço

Eu sou de massidras
Eu sou Zebedeu
No tango na chula
Ninguem como eu.

(Coro)

As....sim
Meu rapaz
Requebra palhaço
Remexe mais.

O povo de Campos
Por uma função
Abandona tudo
Quanto é distracção

(Coro)

As...sim
meu rapaz etc.

Theatro vasio
Kermesse tambem
Mas nos cavalinhos
Não falta ninguem.

Côro

As...sim etc

Sou cabra escovado
Não venhas p'ra cá
Pois si ha diferença
Desmancha-se já

Côro

As...sim
Meu rapaz...
Fica manso mano !
Remeche mais.

Kermesse

Sou a Kermesse
Divertimento
Divertimento
De trampolim
Eterno idyllo
Feito ao relento
Feito ao relento
No meu jardim !

Sou frequentada
Por elegantes
Moças chibantes
Jovens Romens;
Passam-se á noite.
Scenas picantes
E interessantes
Nos bancos meus.

Correm as horas
Entre folguedos,
Entre folguedos.
A namorar,...
Beijos furtados
Entre arvoredos
Entre arvoredos
A luz do luar...

Ao mesmo tempo
Por outros lados,

Por outros lados,
Jogos de azar,
Flores e bichos
Sortes e dados
Sortes e dados
Para jogar!

Theatro S. Salvador

Revistas, operas,
Farcas, comedias,
Dramas, tragedias
De alto valor....
Já puz em scena
O diabo a quatro
Sou o Theatro
S. Salvador!

Do Theatro Empyreo,
Ali adiante
Rival constante
Já fui até....
Mas a macaca
Metten-lhe o dente
E eu felizmente
Fiquei de pé.

Quem tem um olho aqui é rei...
E sem rival, e sem rival aqui fiquei,

Club Maccarroni

Eis-me aqui, pandego e trocista,
La da Kermesse o fundador,
Não ha ninquem que aqui resista,
A este f roze conquistador.

Ja conto innumeradas victorias
Ganhas em cada carnaval
Nenhum aqui tem tantas glorias
Nenhum aqui tem sorte igual

Club Indiano

O Club eu sou do Indianos
O de mais fama por aqui
Na abolição por largos annos
De muitos louros me cobri.

Dos indomaveis goytacazes
Eis o cacique vencedor
Chefe dos incolos audazes
De mil guerreiros o senhor

Club Tenentes de Plutão

Aqui estou eu que sou do Inferno,
Carnavalesco e folgasão
Filho phantastico do Averno
Club Tenentes de Plutão.

Mephistophelico e invencivel
Venho do Barathro infernal
E o meu aspecto assim terrivel
Causa um pavor universal

Côro geral

Loucura universal,
Viva a alegria
Haja prazer!
Hurrahs ao carnaval
Ao carnaval que vamos ter.

Momo vai triumphar,
Haja folganças
Evohé.....é
Champagnes á espoucar
Isto é que serve, isto é que é

Dr. Mula Russa

Sem diplomas de academia
Vivo em Campos a curar
Applico-lhe os pós
Applico-lhe assim
E põe-se o defunto a andar

Côro

Applico-lhe os pós
Applico-lhe assim
etc.

E' tão grande a clientella
Que nem lh'a posso accudir,
Chamados d'aqui,
Visita acolá,
Não tenho mãos a medir.

Coro

Chamados d'aqui
Visita acolá
Não tenho mãos a medir.

Com rezas e benzeduras
Alecrins, trevos em flor

N'esta profissão
Não tenho rival
Não tenho competidor.

(Coro geral)

N'esta profissão
Não tenho rival
Não tenho competidor.

O Elixir

Sou o Elixir
Depurativo, sem rivaes
Que felizmente
Actualmente
Tem fe to curas radicaes
Eu era assim de uma magresa nunca
(vista)
De uma magresa de assustar
Tomei o dito
Fiquei bonito
E hoje estou de arrebentar

Nocturno

QUITARRISTAS

A lua livida e fria,
Os braços postos em cruz,
Arrasta o manto azulado
Da Virgem mãe de Jesus.

O orvalho é o pranto da lua
Das maguas que ella soffreu
Entre as boninas dos prados
A lua nova nasceu.

Pela pupila dos astros
Passa uma dôr singular,
Embora a noite estrellada
Molhe os cabellos no Mar

Pelo mysterio da noite,
Das sombras por entre o véo,
Choram n'altura as estrellas,
— Noivas perdidas no céo

Vesper a pallida monja,
Vae pelos Céos n'um andor,
Mais infeliz que Maria,
A Virgem mãe do Senhor.

As onda do mar são lyras
Que Nossa Senhora fez.

Da prata das Nebulosas,
Do pranto da viuvez.

Anda um sinistro coveiro
Covas abrindo ao luar,
Talvez de naufragos mortos
Boiando a tona do mar

A voz dos tumulos erra
Em soturna orchestração
O cavo ruído da terra
Caindo sobre o caixão.

Empresa Balnearia

Sou a Empresa Balnearia
De Imbetiba e com razão,
Todo o mundo me procura
Para os banhos no verão.

(Coro geral)

Não te demores
Em afirmar:
São os melhores
Banhos de mar!

Meu Hotel tem a frequencia
Da melhor sociedade
Preços baixos, boa meza
E toda a commodidade.

(Côro gera)

Não te demores etc.
Quem quizer tomar o fresco
Saude recuperar
Abrindo os cordões à bolsa
Venha um mez aqui passar.

Coro
Não te demores

Mercado do peixe

Ninguém sabe do riscado,
Neste officio poucos ha,
Olho vivo, mão ligeira
Na tarrafa e juquia

Pescador do Brejo Grande
Pescador de profissão
Passa a noite na lagôa
Vende o peixe no Valão

Coro

Abre a tarrafa
Socode lá,
Puxa depressa
Que encheu-se já.

Botei na Lagoa Feia
Dois jacás no pangaré
Em tempo de sema e cheia
Aproveita-se a maré

Trago peixe em quantidade
De agua doce e beira mar,
Vendo tudo na cidade,
Ganho a vida á passeiar

Coro

Abre a tarrafa etc

Praça do Mercado

Mulatinhas feiticeiras
Côr de jambo e de romã,
Quem quizer fazer asneiras
Chegue á Praça de manhã

As verduras do mercado
Da quitanda somos nós
Couves, repolho dobrado,
Tomates, nabos, gilós.

Tudo mexido
Como eu já vi
Que bom cosido
Não sahe d'aqui

bis

Ah ! Ah !

Venha ao mercado Sinhá,
Comer lima e cambucá

Yô, Yô,

Yá Yá,

Traga sempre o samburá
Venha ao mercado, Sinhá;
Comer lima e cambucá

Yô, Yô,

Yá, Yá,

Venha ao mercado, Sinhá.

Café Cascata

Ai, que gentil a madama,
Poz o café todo novo
Era o café de mais fama,
Quando me abri para o povo.

Bella cerveja gelada,
Cóncertos, musicas, flôres
E hoje vivo abandonada
Pelos meus frequentadores.

O povo quer cousas toseas,
Para gastar pela certa
E assim atira-me ás moscas
Completamente deserta.

População insensata
Que o meu carinho reclama,
Vem ao café da Cascata,
Vem ao café da madama.

Barão

Capetinha de massada
Não ha nada
Aqui está o teu barão
Vamos juntos á cascata
Vem mulata
Desmanchar a transacção.

Não ha nada como a cheta
Vem capeta
Vem capeta passear....
Os teus olhos são bregeiros,
Feiticeiros,
Feiticeiros de matar.

Valsa do Jovino

Berço augusto de Benta Pereira
Que infallivelmente será Capital
Sagrada por Andrade Figueira
Do abolicionismo o quartel-general
Salve terra campista orgulhosa,
Immortalisada no Guarany
Que altos feitos de gente briosa
Que luctas renhidas travaram-se aqui.

Côro

Que gente lhana
A Goytacasiana

(SOLO)

E' proverbial
N'esta formosa cidade
A sua hospitalidade.

(Côro)

E, patriota e bairrista

O campista

(SOLO)

Não ha outro com certeza
Que tenha mais gentileza

E' a nata das cidades
Tem bellos edificios:
Lyceu de Humanidades
Lyceu de Artes e Officios.

(CÓRO)

Como de Napoles
A gente diz
Que quem vir Campos
Morre feliz !
Que acolhimento
Que recepção
Von satisfeito
D'este terrão

bis

Que gente lhana
A Goytacasiana

(SOLO)

E' proverbial
Nesta formosa cidade
A sua hospitalidade

(Coro geral)

E' patriota e bairrista
O campista

(SOLO)

Não ha outro com certeza
Que tenha mais gentileza.

(Coro geral)

Berço augusto de Benta Pereira etc.

(SOLO)

Esta emfim é a minha
A minha opinião
E não pode soffrer contestação
Campos é a terra da promissão.

1. Cavalheiro

Não dou posse, não devo não quero.
P'ra que presto afinal hão de ver.
Si o ministro quizer me exonero
Mas não dou o meu braço a torcer.

2. Cavalheiro

O que quer si eu já fui nomeado,
Si aqui trago esta nomeação,
E demais tenho agora a meu lado
Um ministro, o que vale á razão.

Hypodromo

Sou aqui o Sport
Queinda quer salvar
De provavel morte
Toda a raça cavallar.

Saio na bagagem
Passo a vencedor
Não ha no Hipodromo
Melhor corredor.

Up ! Up ! Up !
Quando o jockey monta
Ganha pela certa
De ponta a ponta.

Tourada

Aos domingos lá na tourada
Que perigo, que tentação.
Pode a gente ser espetada
Por um touro de opinião.

Neste officio risco ha de morte,
Para o touro bandarilhar,
Pois si é bravo não nega a sorte
Nem faz manhas p'ra farpear.

Tralalá, tralalá
Passa-tempo melhor não há
Tralalá, tralalá
Quebra o corpo deixa passá...

Trovador

Vem... querida donzella
Ver o luar

Abre... a tua janella
Vem-me escutar.

Já que tu não te importas
Vou me embora, meu bem,
Pois nestas horas mortas,
Não se vê mais ninguém.

Sem arreganhos
Não ha que ver
Vou nos badanhos
Amanhecer.

Despedida

Goiabada

O Jovino vae-se embora,
Vai bater em retirada,
Deixa saudades em penca
Na terra da goiabada

Ai Jovino!
Estou banhada em pranto.

Jovino

Goiabada!
Porque choras tanto!

Adus terra abençoada
Povo alegre e folgazão!
Vou me embora e só Deus sabe
Com que dôr no coração!

Goiabada!
Tudo tem seu fim!

Goiabada
Ai Jovino!
Que será de mim!

Guarda sempre na lembrança
Tudo quanto aqui se deu,
Para te ser agradável
Todo o mundo concorreu

Ai Jovino!

Estou banhada em pranto!

Jovino

Goiabada!
Porque choras tanto!

Se não me puzer ao fresco
Com a maior rapidez.
Mando o *Paiz* á tabúa
Fico em Campos de uma vez!

Goiabada!

Tudo tem seu fim!

Goiabada

Ai Jovino!
Qu' será de mim!

ERRATA :

A primeira quadra da *Chacara do Vigario*, lê-se assim :

O retiro legendario
Do vigario eu é que sou!
Afinal o vigario
Foi-se embora me deixou

BIBLIOTECA

28-2-942

3281

MS. A. 9. 25

1855